

O cenário do Brasil Rural

Análise crítica do filme “Memórias da roça” (2015)

Ana Flávia de Oliveira Messias



O pequeno documentário “Memórias da roça” (Praxis Video, 30:50 min) expõe as lembranças da vida e do trabalho no campo do casal Sr Bruno e Sr Joana, e da Sr Dirce e sua filha Sr Suzel. Os sujeitos que apresentam suas memórias, embora não deixem de destacar as dificuldades que passaram na vida árdua de trabalho na roça, que começa logo na infância, também não deixam de evocar um tempo que, como um deles cita, era de paz de espírito e no qual devem muitas de suas conquistas.

Sr. Bruno e Sra. Joana dão início as falas do vídeo, o avô de seu Bruno veio da Itália e foi fundador do distrito de Nova Columbia, de acordo com ele a estrada de ferro era para ter passado pelo distrito, não entanto seu avô “não quis”, o que fez com que a estrada passasse por Campos Novos Paulista. A fala de seu Bruno em seguida indica um possível posicionamento autoritário do avô, Carlos Colombo fundador do distrito, que mesmo

Cine Trabalho

reconhecendo que a estrada de ferro melhoraria o acesso das pessoas a cidade, que era difícil naquela época, não “autorizou” sua instalação pois para ele, não o era.

Em seguida dona Joana relata sua vivência no campo, dizendo que quando ficou “mocinha” sua mãe não permitiu que ela frequentasse mais a escola pois como ela e sua família moravam no sítio e dona Joana precisaria ir até um patrimônio que ficava distante de sua casa, sua mãe não queria que ela andasse pela estrada sozinha. Dona Joana diz então que não concluiu seus estudos, pois fez apenas segundo ano primário.

De acordo com Dona Joana na época em que morava com sua família no sítio ela ajudava sua mãe nos afazeres de casa, e no período de colheita de café ajudava na roça, limpando os troncos de café e varrendo o cordão, reforça que era uma vida difícil, muito sacrificada onde tudo era regulado. A imagem que se constrói a partir de sua fala é que por conta dos poucos recursos e de muito trabalho tudo era dividido na família, tudo que era pouco era de todos, e não havia como ter mais do que precisava.

As falas de seu Bruno refletem também como o trabalho desde a infância fazia parte da rotina das famílias, segundo ele desde muito pequeno trabalhou na lavoura de café ajudando seu pai e seus tios em todo tipo de atividade ligada ao sítio. Seu Bruno fala que depois que trabalhou esse período com sua família ele comprou a parte da propriedade de seus irmãos, nesse momento dona Joana o interrompe para dizer que antes disso eles começaram a namorar, nota-se em sua expressão “carinho” ao lembrar-se desta época.

Dona Joana segue recordando o período, diz que primeiros eles começaram a namorar, se casaram, foram morar no Paraná, voltaram para o distrito de Nova Columbia e daí foi que compraram a parte do sítio dado pelo pai, que eram dos irmãos de seu Bruno. Em seguida eles foram para a cidade de Marília para que os filhos pudessem estudar (faculdade) e trabalhar, percebe-se que nesse momento a vida do casal já estava melhor, pois se mudaram para a cidade para dar uma vida melhor aos seus filhos, desejando que eles não tiveram, que era a oportunidade de estudar e ter um emprego “menos árduo que o trabalho na roça”.

Seu Bruno lembra com nostalgia e saudade o percurso de sua família, no Paraná eles passaram quatro anos, e compraram terras por lá e depois em Jafa SP, onde agora ele leva seus netos para “ajudá-lo” no sítio, mostrando que mudou se o sentido do trabalho,

Cine Trabalho

que antes era o trabalho por necessidade, agora é mais por prazer e por ser o que realmente gosta de fazer. Dona Joana reforça esse sentimento de prazer e de fazer por alegria que agora possui o trabalho no campo passado de avós para netos, dizendo que “comem churrasco e ajudam”.

No encerramento da fala de seu Bruno e Dona Joana, seu Bruno fala que mesmo após se aposentar ele não parou de trabalhar em seu sítio, pois é o que ele gosta de fazer, e reconhece a importância do café pra sua vida, dizendo que deve “tudo” a plantação e ao governo, nessa parte não fica muito nítido o áudio, então não é possível identificar sua fala em relação ao governo.

Mas o que se percebe é que pouco ou quase nada falaram sobre o contexto do país, da política, etc., na época em que trabalhavam na roça com suas famílias, isso mostra o quanto a população rural ficou quase alheia as transformações que o país passava, durante a década de cinquenta em diante por exemplo, pois nessa época as notícias não chegavam até a zona rural tão facilmente, ainda mais se tratando do interior de um Estado.

Dona Joana diz que agora estão aposentados, mas a aposentadoria é muito pequena, mesmo assim dá para levar a vida. Para ela a vida melhorou muito, pois antigamente havia uma contenção de tudo, e agora está muito melhor não só para eles segundo ela, mas para todo mundo, pois a vida era muito árdua e sofrida.

A segunda fala é de uma mãe Dona Dirce com sua filha Suzel. De acordo com dona Dirce ela trabalhou desde os oito anos de idade na roça e esse foi seu trabalho durante toda a vida. De acordo com dona Dirce a vida na roça era muito difícil, tudo se produzia em sua própria casa, puxava água do poço, fazia pão, colhia arroz, feijão e não se comprava nada era tudo colhido da roça de sua família e para poder estudar tinha que andar muito até Mirandópolis, o que dificultava muito a vida de crianças que já trabalhavam na lavoura.

Dona Dirce salienta que seus filhos que também sofreram muito, e que trabalhavam na roça até a hora de ir à escola e a vida de todos da família era só trabalho, sua filha frisa que de sol a sol dona Dirce trabalhava, e a noite passava roupa com ferro de brasa pois não tinham energia elétrica. Ela nunca saiu da roça, trabalhou até os 70, quando parou

Cine Trabalho

seus filhos já estavam casados, mas continua trabalhando em casa fazendo todos os afazeres domésticos.

Uma frase que se repete varias vezes na fala da agricultora é: “é assim a vida”; “é assim que fomos criados”, pode refletir um tom de vida paupérrima, no entanto revela no decorrer do documentário que significa muito mais que isso, revela uma vida que em todos os seus âmbitos foi construída pelas próprias mãos, onde todos da família colaboravam e apesar do trabalho árduo e dos poucos recursos tudo era feito para si próprios, pois todo o trabalho da roça era destinado ao sustento da família.

De acordo com Suzel era um trabalho familiar, pois naquela época cada um tinha sua família, e seus filhos eram aproveitados no trabalho na roça, desta forma nas férias era o maior lucro, pois trabalhavam mais, ou seja, se plantava e colhia mais. Assim como no caso de Seu Bruno e Dona Joana, e da maioria dos agricultores da época, na família de Suzel o trabalho desde a infância também era comum.

De acordo com Suzel as quatro da manhã seu pai acordava ela e seus irmãos para ir trabalhar, e sua mãe já estava preparando o café. Ela reforça que tudo era feito em casa a única coisa que compravam era o sal o açúcar e a farinha, quando sobrava muito feijão se retirava o suficiente para a família e levava a outra parte para a venda para negociar e comprar as coisas que não fazia no próprio sitio. Prática comum na época as trocas ocorriam entre os próprios agricultores que trocavam entre si a produção dos seus sítios.

Em seguida Suzel fala de seu irmão que morreu ainda criança, de acordo com ela sua avô que morava junto com ela, seus pais e seus irmãos, cuidava das crianças pois sua mãe precisava ir para a roça e não tinha como amamentá-los, então ela os alimentava com leite de vaca que, assim esse irmão acabava de beber e já evacuava o que casou uma desidratação, naquele tempo o médico dizia que não tinha cura, essa enfermidade se chamava na época mal de simioto (desnutrição), que era preciso benzer a criança para ela ser curada. Segundo Suzel dona Dirce andava uns 20 km para levar seu irmão para benzer, porém ele não resistiu.

De acordo com Suzel depois que eles (seus irmãos e ela) começaram a andar já começavam a ajudar na roça a limpar os troncos de café, ela era a única mulher, por ser menor ficava com o trabalho de limpar entre os troncos de café, enquanto seus irmãos

Cine Trabalho

ficavam com o rastelo limpando as ruas da plantação, Suzel tinha entorno de quatro anos. Sua mãe, dona Dirce, fazia comida e levava para eles na roça, enquanto ela e seus irmãos e seu pai comiam sua mãe rastelava, para que o serviço rendesse.

Suzel conta que seu pai tinha uma horta muito bonita, segundo ela seu pai era muito caprichoso, plantava de tudo, as sementes que achava ele plantava mesmo com pessoas falando que não iria dar fruto logo. Ela e seus irmãos foram criados com muita fartura de frutas e de comidas produzidas lá. Utilizavam banha de porco para cozinhar, e lampião para estudar, a energia só veio depois que Suzel se formou. Naquela época seu pai conseguiu colocá-la na escola na mesma classe do irmão, mesmo não possuindo idade para estar no mesmo ano que ele.

Suzel lembra com muita saudade, dizendo que era uma época maravilhosa a que estudava, pois para chegar até a escola às crianças (seus amigos de colégio) iam se encontrando no caminho até lá, mesmo que na época não havia relógio eles se orientavam de acordo com o sol e com a passagem dos trens perto de onde moravam. Eles viam o trem passando e ia da roça para casa se lavar (não havia chuveiro, usavam então uma bacia).

O material escolar era comprado uma vez por ano, como não podia gastar ela aprendia as letras escrevendo na areia do chão, quando ela cresceu um pouco passou a escrever na parede usando pedaços de pedra e telha, não havia TV e o rádio era só para ouvir a voz do Brasil, único veículo de notícias que tinham na época. De acordo com Suzel em torno do sítio em que morava havia muitas famílias com crianças, e muitas não sabiam nem escrever nem ler e ela que já frequentava a escola ensinava essas crianças, pois gostava muito de estudar, mesmo não tendo muitos recursos para isso.

Suzel relata com alegria visível em seu rosto que aos domingos ela dava aula as outras crianças, todos sentavam juntos em rodas e todos participavam, para ela era uma paz de espírito. Ela fala que quando foi para o ginásio foi ainda mais difícil, pois até então nunca tinha tido educação física, neste período passou a ter que ir para as aulas de educação física três vezes por semana na parte da manhã, trabalhar e ir para a escola novamente, por conta dos longos caminhos que percorriam e do trabalho na roça, mesmo comendo muito ela e seus irmãos eram muito magros.

Cine Trabalho

Os pais sofriam muito, pois no período da escola eles perdiam a mão-de-obra dos filhos no trabalho da roça, que poderiam estar realizando vários trabalhos para poder comprar roupa, calçado, etc. Quando Suzel terminou o colegial seu pai disse-lhe que ela agora iria trabalhar na roça de dia e trabalhar de costureira à noite, e assim comprou uma máquina de costura para ela, mas ela dizia “não é isso que quero para mim, eu gosto tanto de estudar”.

Suzel lembra-se de uma professora de ciências que teve e que gostava muito, pensava que queria ser professora igual ela. Suzel foi morar na casa de uma tia para poder estudar, mas foi com muito custo, pois seu pai não queria que ela fosse estudar e deixar a família, ela era a única filha menina, deveria ficar para ajudar sua mãe.

Mesmo com todos os percalços Suzel diz que foi uma vivência maravilhosa e que tem saudade, mesmo tendo que trabalhar muito. Era uma luta muito grande, as crianças nasciam com pouca diferença de idade e as mães não tinham tempo para se recuperar e as crianças iam desde pequenas para a roça junto com a mãe. Mas Suzel reforça que era uma paz de espírito e essa vida à engrandeceu muito eles e eram muito felizes. Suzel encerra o vídeo falando que o trabalho significa para ela vida, ele enobrece as pessoas, porque cada vez que você faz algo você faz melhor e se sente melhor.

Assistir o depoimento das memórias desses quatro pequenos agricultores é como revisitar os livros de história, pois refletem não apenas a história da família Colombo, ou da família Longhi, mas a história do Brasil, e em particular a história da população rural. No entanto o que se nota nos depoimentos é que diferentemente de uma grande maioria de agricultores que sobreviviam da produção familiar e que acabaram sendo absorvidas pela produção em massa do agronegócio, essas famílias (Colombo e Longhi) resistiram produzindo em sua maioria apenas para sua subsistência.

Todos os elementos que compunham o cenário rural do Brasil são visíveis em suas memórias, como o trabalho infantil, a falta de escolaridade, os longos percursos para ter acesso ao ensino, a mortalidade infantil, o consumo apenas do que se produzia em casa e a falta dos recursos básicos como energia elétrica, água encanada e assistência médica de qualidade, a intenção desses sujeitos em seus depoimentos não fosse a denuncia de certa condição de vida na época, mas mesmo com todos esses elementos conservaram-se as

Cine Trabalho

lembranças boas, que faz com que mesmo com a vida difícil e o trabalho árduo, de como era “maravilhoso” estar em família, trabalhar para si e não ter muitas preocupações em relação ao mundo exterior.